

Revisado em
4787

J. C. DE LACERDA COUTINHO.

QUEM DESDENHA QUER COMPRAR

PROVERBIO EM UM ACTO.



SANTA CATHARINA

TYP. DE J. J. LOPES, RUA DA TRINDADE N. 2.

1868.

41, 18, 1



14192
1964

PERSONAGENS.

Joaquim.

D. Joanna.

Mathilde.

Eugenia.

Antonio Avellar.

Salustiano.

A scena passa-se na cidade do Desterro.

EPOCHA — A ACTUALIDADE.

QUEM DESDENHA QUER COMPRAR

Acto unico.

Sala do interior decentemente mobiliada. Duas portas de cada lado: duas janellas ao fundo.

SCENA I.

Mathilde, assentada junto de uma pequena mesa de costura, em attitude triste e pensativa, e logo depois Eugenia.

EUGENIA, entrando.

Já se dorme nesta casa? Que silencio!

MATHILDE, levantando-se e correndo a abraçá-la.

Eugenia! querida Eugenia! Chegaste enfim! Sabes? Já principiava a duvidar da tua amizade....

EUGENIA.

Ingrata! Póde-se, por ventura, ser mais sollicita do que eu fui? Esquécês-te de que ha meia legoa bem puchada da minha chacara da Pedra-Grande até aqui?

MATHILDE.

Tens razão... Mas o que queres? Tenho esta cabeça tão perturbada! Ah! minha prima! minha boa amiga! Sou bem infeliz!...

EUGENIA.

Pobre Mathilde! a tua carta fez-me, realmente, uma pena!... mas tranquilliza-te.... Tudo se pôde remediar ainda....

MATHILDE.

Oh! por certo.... Agora que te tenho aqui ao pé de mim, já não me arreceio de cousa alguma.... É tal a confiança que tenho na tua habilidade!... Não é verdade que me has de libertar d'esta horrivel tribulação em que me vejo?...

EUGENIA.

Pelo menos, assim o espero. Vamos.... Nada de desanimar.... onde está a tia Joanna?

MATHILDE, apontando para uma das portas.

Alli.... Fallemos baixo.... cumpre que não nos ouça.... Ella é tambem contra mim.... Todos são contra mim!...

EUGENIA.

Não importa.... Havemos de dar-lhes sota e az a todos elles.... Espera; deixa-me desembaraçar do chapéo e do mantaete.

MATHILDE.

Sim... sim... eu te ajudo (*ajudando Eugenia*)

SCENA II.

As mesmas e D. Joanna.

D. JOANNA, entrando por uma das portas do fundo.

Está tudo em ordem para receber o meu afilhado.... Ah! Por aqui?! Que milagre! Ora venha esse abraço!...

EUGENIA.

A sua benção, titia (*abraçando-a*). Não é verdade que me não esperava hoje por cá?

D. JOANNA.

Por certo que não.... Então deixaste a tua cruida da Pedra-Grande? Tinhas tal empenho de fugir ao mundo, que cheguei á suppôr que nunca mais abandonarias o teu amado retiro.

EUGENIA.

E' para vêr quanto podem sobre mim as saudádes de minha boa tia e desta querida priminha....

D. JOANNA.

Ah! deveras? Acredita que te agradecemos bem sinceramente a lembrança.... Olha não podias chegar em melhor occasião.... (*confidencialmente*). Esperamos hoje um hospede.... O noivo desta senhora (*apontando para Mathilde*.)

EUGENIA.

— Sim?! Já estava tão calladinha.... Já não é mais minha amiga.

MATHILDE.

— Não valia a pena dizer-t'ó.... Um noivo dessa natureza....

D. JOANNA.

— Mão! começamos de novo? (*Para Eugénia*) Ora v'io se já uma coisa assim?... Éstimo bem que te-nhas vindo hoje. Tu que és uma rapariga de juizo... que tens experiencia....

EUGENIA.

— Experiencia? aos vinte e dous annos?

D. JOANNA.

— Não importa; és viuva, e tanto basta. Olha: en-carrego-te de fazer voltar o juizo a esta cabecinha de vento.... Dou-te plenos poderes.

EUGENIA.

— Mas se, nem ao menos, sei do que se trata...

MATHILDE.

— Eu t'ó explico em duas palavras.

D. JOANNA.

— Não, senhora.... Não é a senhora quem deve fal-

lar... Para contar a coisa lá a seu geito, não é assim? Pois não!... *(Para Eugenia)* Eu t'ò digo... Tens-nos ouvido aqui fallar no Xico Avellar?...

EUGENIA.

Um compadre seu... do Itajahy.... se bem me recordo.

D. JOANNA.

Justamente... O mais rico fazendeiro do Itajahy: de toda a provincia de Santa Catharina... Tem uma fortuna para cima de trezentos contos.... Pois bem; o Xico Avellar tem um filho.... um filho unico, que é o nosso afilhado.... um rapagão soberbo....

MATHILDE.

Um matuto muito torpa, muito desgraçado...

D. JOANNA.

Não ha tal! Não faças caso do que diz esta rapariga. Isto é uma tola. Um rapaz que deve herdar uma fortuna de quatrocentos contos.... ou pouco menos.... nunca pôde ser desgraçado.

EUGENIA.

Por certo que não!...

D. JOANNA, para Mathilde.

Estás ouvindo? Isto é que sabe ser uma moça de juizo.

MATHILDE.

E' porque ella não o conhece.

D. JOANNA.

Ora sahe-te d'ahi, que não dizes coisa que preste. *(Para Eugenia)* Mas como te ia contando... O Antonico Avellar, o nosso afillhado, é um rapaz de mão cheia...

MATHILDE.

De cálos, minha prima ! de cálos como todos os roceiros...

D. JOANNA.

Não te calarás, má lingua ? Não é possível levar uma conversa seguida, com esta rapariga !...

MATHILDE.

Está bom, minha mãe; pôde continuar; não a interromperei mais... *(senta-se em um divan)*.

D. JOANNA.

Ora louvado seja Deos ! *(Para Eugenia)* Lembra-te, quando fomos passar uns tempos fóra da cidade por causa da molestia de tua prima ?

EUGENIA.

Pois não ! Eu estava então ainda no collegio, e bastante senti não os poder acompanhar... Gosto tanto da rôça ! Ha talvez uns oito annos que isso foi !...

D. JOANNA.

Oito annos certinhos... Que excellente memoria de menina ! Oito annos, é verdade. Esses tres mezes que estivemos fóra, passamo los em casa dos Avelares... Oh ! que amavel familia, minha sobrinha ! Derão-nos um tratamento de principes... Já não sabião mais do que se havião de lembrar para nos tornarem agradavel a residencia na fazenda... E que fazenda ! minha filha: um fazendão ! cinco leguas em quadro de terrenos, pela maior parte cultivados; engenhos de assucar, de farinha; engenhos para soccar o arroz... serrarias de madeira... tudo movido por agua; um magnifico porto sobre o rio, para o embarque dos generos de exportação da fazenda, dous grandes hiates, tres lanchões de bom tamanho; canoas de pescaria e não sei quantas coisas mais....

MATHILDE.

Pois esqueceu-lhe ainda alguma coisa, minha mãe ?

D. JOANNA.

De certo ! E a casa de vivenda ? E aquella immensa escravatura ? E aquella immensissima criação de gado de toda a qualidade ?...

MATHILDE.

E a criação d'aves domesticas ? E os peiúsinhos ? E os marrequinhos ?...

D. JOANNA.

Zomba lá quanto quizeres... Estou convencida que tua prima sabe dar-me razão....

ENGENIA.

Sem duvida ! Pelo que me diz deve ser muito rico esse senhor Avellar ?...

D. JOANNA.

Riquissimo ! Quinhentos contos, pouco mais ou menos... Ora foi o caso que o Antonico, o nosso afilhado, que teria n'esse tempo os seus dezeseis annos, e mais aquella senhora (*apontando para Mathilde*) que tinha então doze, entrãrão a fazer gaifonas um ao outro.

MATHILDE.

E' falso ! Eu nunca fiz o menor caso delle....

D. JOANNA.

Isto dizes tu.... agora que andas toda embellezada pelo Sr. Salustiano, aquelle refinadissimo pateta....

MATHILDE.

Minha mãi !

D. JOANNA.

Ah ! Pensavas que me tinha escapado esse galante derriço ? Coitada ! a mim nada me escapa.... Um paspalhão que anda sempre a pôr os olhos em alvo, uns olhos de cabra morta, para tomar assim uns ares de poeta....

MATHILDE.

Minha mãe! Diga tudo quanto quizer... mas por quem é, não falle mal do Sr. Salustiano.

D. JOANNA.

Ah! Doeu-lhe? Muito bem.... Apanhei-a, minha senhora... Eu não sabia ainda que a senhora aceitava a côrte d'aquella azemola.... Se assim fosse, não o teria por certo, convidado hoje para jantar.... Mas é a ultima vez que põe aqui os pés....

MATHILDE.

Faça o que entender, minha mãe... A casa é sua... faça o que entender. O que, porém, não me pôde impedir, é que o ache muito do meu gosto, e que me sinta de o ouvir tratar com semelhante injustiça.

D. JOANNA.

Atreves-te a confessal-o ?...

EUGENIA, baixo á Mathilde.

Cala-te, que deitas tudo a perder! (*A D. Joanna*) Socegue, minha tia, não vê que ella o diz, sómente por contraria-la? Pois ella havia de agradar-se logo de um estafermo como aquelle.... um perdulario....

D. JOANNA.

Justamente um perdulario.... um esbanjador.... Quanto ganha, quanto gasta.... e tudo em trapos, em correntinhas e berloques, em lunetas, em ben-

gallinhas, em banhas e aguas cheirosas... em fioleiras, para encurtar razões... Um peralvilho, todo adamado, todo a distillar phrases adocicadas, com pretensões a bonito e a espirituoso...

MATHILDE, em meia voz.

Oh! é de mais!...

EUGENIA, á Mathilde.

Não dê cavaco.... (*A' D. Joanna*) Tem razão, minha tia; é um bichinho bem ridiculo.... Mas deixemos de parte o Sr. Salustiano.... Continue o que me estava a contar....

D. JOANNA.

Dizes bem.... Mas se ella não lhe dá apreço, porque me vem esquentar as orelhas? O que é certo é que elle não nos vem cá a tóa.... Aquillo é um atrevidaço!...

EUGENIA.

Se é!... Eu que o conheço!... Porem dizia Vmc...

D. JOANNA.

Ah! sim... Que o meo afilhado Antonico Avellar, ficou a beber os ares por tua prima.... Paixãozinha foi que não ha meios de o resolver a mudar de rumo. Vai para quatro annos que o pae escreveo cá ao meo homem propondo-lhe este casamento. Teo tio, que é ~~homem~~ de bom conselho, entendeo-se primeiro alli com a senhora, que não apresentou a menor objecção....

MATHILDE.

E o que queria Vmc. que lhe eu dissesse ? Nesse tempo era eu uma criança...

D. JOANNA.

Mais criança é Vmc. agora, que mostra menos juízo do que d'antes. Ora muito bem. A' vista disso, respondeo logo teo tio, aceitando essa proposição, que mais vantajosa não nos póde ser a todos os respeitos. Ajustou-se, pois, tudo; ficando resolvido que quando o rapaz completasse os seus vinte quatro annos, effectuar-se-hia o casamento na capella da fazenda, visto que a minha comadre Claudina Avelar, por andar sempre tolhida de rheumatismo, não poderá assistir a elle, se fôr celebrado n'outro lugar. Porém á proporção que se foi avizinhando o prazo ajustado, principiou a senhora minha filha a puchar para traz, a queixar-se, a choramingar que é mesmo uma vergonha.... E o peor é que sou sempre eu quem lhe atura as lamurias.... Ao pae não cahe ella na asneira de as ir fazer; porque a primeira e unica vez que tal lhe aconteeo... ouvio-lhe aqui dous berros e meio que lhe ensaccarão logo a falla no bucho. Foi um dia de juízo nesta casa !... Cá o meo homem é uma perola, não ha duvida; mas tambem quando se esqueuta é um dogue.... arregala uns olhos assim... que parece querer comer tudo !... Ha dias recebamos a noticia da proxima vinda do Antonico que vem reclamar o cumprimento de nossa promessa.

MATHILDE.

E nem ao menos m'o communicarão....

D. JOANNA.

Para que ? Para que a senhora ficasse desde então toda em tremuras ? Nada.... Assim foi melhor... Estes choques repentinos fazem bem aos nervos... Finalmente, minha sobrinha; hoje chegou do Itajahy o hiate *Mathilde*.... (já lhe puzerão o nome da senhora) e com elle o nosso afillhado Antonico; a quem teo tio foi buscar a bordo e que não pôde tardar por ahi..... Ora ahi está tudo em pratos limpos... E agora que já estás inteirada de tudo....

EUGENIA.

E Vinc. que só agora é que me faz esta confidencia !...

D. JOANNA.

Ai ! Pois deveras nunca te fallei n'isto ? E' que tens andado sempre por fóra... Além d'isso, bem sabes que em materia de casamentos, nunca é bom dar muito com a lingua nos dentes.... São coisas que se desmanchão d'uma hora para outra e... não é bom... Mas a *Mathilde* hade ter-te sempre dito alguma coisa... E' tão tua amiga !...

EUGENIA.

Palavra que nunca me fallou em tal....

MATHILDE.

E como querias que te fallasse de coisa, cuja só lembrança é bastante para fazer de mim a mais desgraçada das mulheres ?...

D. JOANNA.

A dar-lhe com o maldito emperramento !... Olha, minha sobrinha; vê se reduces esta tolinha a melhor acôrdo. E's moça tambem, e sempre te ha de ouvir melhor d'ê que a mim... Além disso és uma moça de juizo. Confio em ti como em mim mesma.

ENGENIA.

Oh ! minha tia. Vinc. confunde-me... Faz de mim um conceito que realmente não mereço....

D. JOANNA.

Mereces.... mereces.... Olha.... tu não és de cerimonia.... Quando quizeres.... esta casa é sempre tua.... Eu vou lá dentro um instantinho.... Bem sabes; estas negras não ha que fiar nellas. Vou vêr uma tachada de doce que lá tenho ao fogo.... Quando não, são capazes de m'a deixarem estragar.... Até já.... (*Sahe.*)

EUGENIA.

Vá.... vá, minha tia.... até já....

SCENA III.

Mathilde e Eugenia.

MATHILDE.

E então, minha prima ? O que te parece ~~to~~ tudo isto ? Sou ou não bem infeliz ?

EUGENIA.

Eis sei! O que é certo é que me acho em circumstancias realmente embaraçosas.... Chamada como auxiliar de um e de outro lado....

MATHILDE.

Oh! Eugenia! Tambem me queres abandonar?

EUGENIA.

Não, não digo isso. A não tornar-me neutral, como era do meu dever....

MATHILDE.

Do teu dever?

EUGENIA.

Sim.... Não foste completamente sincera para comigo. Porque me não disseste que te havias comprometido com o tal Avellar?

MATHILDE.

Nem de tal me lembrou.... E de mais que importancia merece a palavra de uma criança? Eu era uma criança n'esse tempo, Eugenia!....

EUGENIA.

Não importa; nem por isso deixa de ser um compromisso, com o que muda o caso muito de figura....

MATHILDE, chorando.

Tu também, Eugénia! Oh! Nunca o esperarei!

EUGÉNIA, abraçando-a.

O que é isso, lonquinha? Pois não tens já a minha promessa? Representas o lado mais feio, e tanto bastava para que eu abraçasse a tua causa, quando não tivesse outras razões para protegete. Não sabes que te quero muito... muito bem?

MATHILDE.

Obrigada!... obrigada, minha boa Eugéninha! Posso então contar contigo?

EUGÉNIA.

Que duvida! Vamos, lindinha... enxuga essas lágrimas... Não vês que te fazem os olhos vermelhos?... Vaes tornar-te feia...

MATHILDE.

Tanto melhor... E' justamente isso que desejo... Olha, bem para mim... Que tal me achas?...

EUGÉNIA.

Sempre bem... Verdade é que d'antes vestias-te com melhor gosto... Esse penteado, então... devo confessal-o... assenta-te horrivelmente... Parece que andaste a estudar tudo quanto te ficasse peor...

MATHILDE.

Adivinhaste... Fil-o de proposito... Quero que elle me ache bem feia... bem ridicula...

EUGENIA.

Pobrezinha ! Ha-de-te ser difficil !... Tens-lhe entao muita repugnancia ?...

MATHILDE.

Invencivel !... Não o imaginas... E depois...

EUGENIA.

Depois ?

MATHILDE.

Amo com todas as veras de minha alma...

EUGENIA.

O Sr. Salustiano ?...

MATHILDE.

E' verdade....

EUGENIA.

Mal empregado amor !

MATHILDE.

O que dizes ?

EUGENIA.

Que penso, a respeito do Sr. Salustiano, exactamente como minha tia....

MATHILDE.

Eugénia !

EUGENIA.

Perdoa-me: sei que te afflijo.... mas é a verdade fiel.

MATHILDE.

E' porque não o conheces, como eu.... Não... não sabes o quanto vale o homem que o meo coração escolheu.... E' o espirito mais ameno, mais delicado que tenho conhecido.... Uma verdadeira alma de poeta.... Tudo quanto diz, sabe dizel-o tão bem !... n'uma linguagem tão escolhida, tão sua !... E de baixo daquelle exterior tão calmo, tão inoffensivo, o coração mais ardente, mais generoso, mais capaz de todos os sacrificios.... Um coração de tal tempera que não conhece o que é medo.... que affronta os maiores perigos, que se abalança aos commettimentos mais arriscados, por um desconhecido, por uma causa que lhe é indifferente, e unicamente por dar desafogo aos sentimentos generosos que lhe pullulão n'alma....

EUGENIA.

Está bem; já vejo que o Sr. Salustiano aproveitou bem o seu tempo. Não fallemos mais nisto. Trate-mos antes de combinar o nosso plano de defesa. (*Assenta-se; Mathilde toma lugar junto della.*) Primeiro que tudo, deliberemos com calma, para não dizermos asneiras....

MATHILDE.

Dizes bem, procedamos com calma... O que é que eu devo fazer para tirar-me desta entalacão?

EUGENIA.

O que deves fazer? Ainda não sei....

MATHILDE.

Como! Tambem tu não descobriste ainda um meio de salvação?... Oh! meu Deos! Então estou perdida!... Pois não te occorre nada? mesmo nada?...

EUGENIA.

Ao contrario, occorre-me um cento de expedientes pelo menos....

MATHILDE, abraçando-a.

Oh! tu és um portento!... Mas se isso é verdade... Escolhamos já o melhor, e está tudo decido lo...

EUGENIA.

Ahi é que está o buzilis, minha querida. Toda a difficuldade está na escolha. Olha, sabes qual é o melhor meio de ganhar-se a qualquer jogo?

MATHILDE.

Creio que é o saber-o jogar bem.

EUGENIA.

Estás enganada. E' o saber espiar com geito o jogo do adversario....

MATHILDE.

Ah!

EUGENIA.

Ora se eu pudesse espiar o jogo do nosso adversario, que no caso vertente é o teu futuro esposo, nenhuma difficuldade encontraria em escolher d'entre os meus com expedientes, aquelle que mais conviesse empregar.... Mas é isso, justamente o que não posso fazer.... Não o conheço.... Nada sei; nem quanto á sua indole, nem quanto aos seus habitos, ás suas virtudes, aos seus vicios.... nada em summa.... Ainda se tu me pudesses dar algumas informações....

MATHILDE.

Eu, minha boa prima? Eu estou pouco mais ou menos na mesma ignorancia... Convivi com elle por tres mezes, é verdade... Mas ha tanto tempo que isso foi! Alem de que era então uma criança, e elle outra... O que posso dizer-te é que elle mostrava ter-me muita amizade. Fazia tudo quanto podia para agradar-me. O meu medico tinha-me aconselhado os passeios a cavallo. Como eu era muito medrosa, elle tomava-o pelas redeas e ia conmigo, a pé, legoas inteiras. Qualquer escravo da fazenda me poderia fazer esse serviço, mas elle não o consentio.

Se eu ambicionava uma flôr, uma fructa, um ninho de passaro, era elle mesmo quem os queria ir procurar.... E voltava todo cansado, todo arranhado, todo esfolado, vermelho como um camarão cozido, mas muito contente por me ter satisfeito um desejo....

EUGENIA.

Pobre rapaz! E não te envergonhas de pagarlhe tantos disvellos com tamanha ingratição?....

MATHILDE.

Mas se eu não lhe tenho amor! Olha, se elle não teimasse em querer casar commigo.... estou convencida de que havia de ser muito sua amiga...

EUGENIA.

Bem.... Continúa.... Vê se te recordas de algum facto, por simples que seja, que me dê uma idéa do seu character.... Qualquer cousa....

MATHILDE, como procurando lembrar-se.

Espera.... vou evocar as miuhas reminiscencias.... Ah! agora me lembro.... A mãe, a D. Claudina, é muito adoentada. Uma vez teve um ataque, do qual pensámos todos que não escapasse. O Antonio passou tres dias e tres noites junto á cama da doente, sem comer, sem progar olhos até que a vio fóra de perigo.... Outro facto.... Oh! este ficou-me bem presente.... Tive tanto susto!... Era uma tarde, depois da sêsta. Tinhamos ido passeiar, nós dois sósi-

nhos, até uma linda floresta que fica á margem do rio... Lembra-me como se fosse hontem... Vinhamos já de volta... Eu sentia-me extenuada de cansaço e apoiava-me no braço d'elle... Ao chegarmos quasi á beira do matto, ouvimos um ruido pavoroso... depois gemidos suffocados, como de quem agonisa e uma voz rouca de furor a esbravejar ameaças... Ah minha prima! que medo o que eu tive! Fiquei tão tremula, que não pude mais dar um passo... Elle procurou tranquillisar-me... Pedio-me que o esperasse, em quanto elle ia saber o que aquillo era... E queria ir sosinho... Mas o proprio medo deo-me forças... Eu sentia-me mais segura estando com elle... quiz acompanhal-o a todo o transe. Chegamos ao ponto d'onde se ouvia o tumulto... Oh prima! Que espectaculo horrivel! Erão dois negros, dois negros da fazenda que lutavão a despedaçar-se como duas fêras... Estavão ambos cobertos de saugue e de poeira... Um delles tinha já o outro subjugado debaixo de si e ao passo que lhe comprimia a garganta com uma das mãos, dava-lhe com a outra furiosas punhadas. O outro, coitado, já quasi que nem tinha forças para gemer.

EUGENIA.

Santo Deos! E tiveste animo para contemplar esta scena de atrocidade!

MATHILDE.

E que remedio! Mas Deos sabe o que me ia pelo coração! Mal avistou o horrivel grupo, largou-me o Antonico o braço, e correndo para os dois negros...

levantou de um pequeno bordão que trazia e arrumou com elle uma pancada no que estava de cima. Os escravos da fazenda todos sem excepção, lhe tem muito respeito, e lhe querem muito bem... mas ou fôsse porque o desconhecesse, ou porque o desvairasse a raiva que o possuia... o malvado negro tirava do bordão... arranca-lh'ò da mão e vibra-lhe com elle um golpe tão forte sobre a cabeça, que o pobre Antonico cahio redondamente no chão sem dar um gemido se quer...

EUGENIA.

Credo! Estou toda arripiada!...

MATHILDE.

Eu vi-o ainda cahir, e soltei um grande grito... Depois fez-se-me a vista escura... senti uma forte zoadada nos ouvidos, faltarão-me as pernas... e mais nada. Quando dei por mim, estava deitada sobre a relva, á beira do Itajahy. Junto a mim o Antonico, de joelhos, que banhava-me a testa e os pulsos com a agoa que tirava do rio. O pobre rapaz estava branco como um lençol... Tinha um lenço atado em roda da cabeça, todo manchado de nodos de sangue. A' pequena distancia os dois negros que ainda conservavão os vestigios da lucta de pouco antes e que choravão a bom chorar... Logo que recobrei, mais ou menos, as forças perdidas, tomamos o caminho de casa. Durante o regresso, o Antonico pediu-me, supplicou-me que não revelasse o que se havia passado. Prometti-lhe e cumpri a minha promessa. O seo ferimento foi attribuido a uma queda, e o escravo escapou ao castigo que merecia.

EUGENIA.

Excellento moço! Não preciso saber mais nada, minha prima. Sei já a resolução que nos cumpre tomar... É de todas a mais simples e a mais facil... Coitado! É pena! Não imaginas o quanto estou sympathisando com elle... Quanto desejo conhecê-lo! Que nobre coração o que tu desdenhas, Mathilde, e por quem?!...

MATHILDE.

Mas se eu não o amo, Eugenia!

EUGENIA.

Tens razão; ninguém deve ir de encontro ás suas proprias inclinações... É pena que tenhamos de despedaçar um coração tão bom, tão generoso... Mas por isso mesmo que me interesso por elle, esforcei-me-hei por ajudar-te em frustrar essa projectada união. Tu não o farias feliz, e elle merece bem sel-o!

MATHILDE.

Porem... dize... Qual é o expediente que escolhes-te!

EUGENIA.

Éil-o; confessar-lhe tudo; dizer-lhe que não podes fazer a sua felicidade, nem recebê-la das mãos d'elle... Que o não amas e que amas a outro... Elle ama-te e tem um grande coração. Soffrerá, mas saberá calar-se. Partirá, deixando livre para entregar-se a outro esse coração que se fecha para elle.

Bem o vés.... Não póde ser mais simples, nem mais facil.... Quanto ao resultado creio que posso assegurar-t'o....

MATHILDE.

Simplez! Facil!... Eu sei! Tenho tanta vergonha!... A ti parece-te facil, porque não é de ti que se trata.... Pois eu hei de dizer-lhe.... Meu Deos.... Falta-me a coragem.... Devéras aconselhas-me que lhe diga tudo?

EUGENIA.

Consulta escrupulosamente o teu coração. Se essa repugnancia de que fallavas ha pouco, não é um mero capricho de moça loureira....

MATHILDE.

Eugenia!

EUGENIA.

Neste caso, cumpre que faças o que te digo, embora te custe. Mas lhe ha de custar a elle o ouvil-o. Porém mais vale isso do que mentir-lhe. Para um homem desses a verdade será uma dôr violenta. Porém a dôr por mais violenta que seja póde curar-se. A mentira seria para elle a morte; e para a morte não se conhece remedio.

MATHILDE, suspirando.

Ai! Tens razão!... Confessar-lhe-hei tudo!...

SCENA IV.

As mesmas e D. Joanna com uma colher na mão.

D. JOANNA.

O Sr. meu afilhado e genro futuro vae atolar o dente na mais famosa marmellada que se tem feito desde que o mundo é mundo! (*Chega a colher á boca de Eugenia*) Ora prova lá e dá-me a tua opinião....

EUGENIA.

Dispense-me, titia, não gosto de marmellada...

D. JOANNA.

Não gostas de marmellada! E' espantoso! Pois tu és uma rapariga de bom gosto! Nisso imitas aqui a esta Sra., que tambem não sei do que é que gosta.... tudo lhe enjôa!... E a respeito daquellas scismas? daquellas doidices? já está com o juizo mais assentadinho?

EUGENIA.

Já, minha tia; já tomou uma resolução mais cordata....

D. JOANNA.

Devéras? Conseguiste-o? Quando eu digo que tu és a menina de mais assento que o sol cobre! Ora dá-me cá um abraço. (*Querendo abraçal-a.*)

EUGENIA.

Cuidado, minha tia ! Cuidado ! Olhe que me suje de marmellada !

D. JOANNA.

Pois marmellada é cousa que suje ? Está bem ; fica para logo... (*prestando ouvidos*) Ai ! Este é o pizar do meu homem... E não vemsó... (*Correndo á janella*) Então.... bem o disse eu ! São elles mesmos, sem tirar nem pôr !... Venhão vêr !... Venhão vêr !...

MATHILDE.

Meu Deos !

EUGENIA, arrastando-se para a janella.

O que é isso, agora ? Animo !

D. JOANNA, á Mathilde.

E então ? O que é que te eu dizia ? E' ou não um guapo moçetão o meu afilhado Antonico ? Falle agora, Srã. desdenhosa !... falle... E' um moço da cidade, sem lhe faltar nada. Olhem que bonito pizar ! E que corpo ! Que corpo tão esbelto e tão saendido ! Que tal te parece, Eugeninha ?

EUGENIA.

Muito bem, minha tia, muito bem !

D. JOANNA.

Ahi entrarão !... ahi entrarão !... Vamos rece-

bel-os... *(correndo para a porta da entrada.)* Ora seja bem vindo, meu afilhado! *(Gritando para fóra)* Ande mais depressa que eu estou doida por lhe dar um abraço!...

MATHILDE, querendo tirar-lhe a colher que ainda conserva.

Largue essa colher, Sra....

D. JOANNA, sem largar a colher.

Sahe d'aqui, rapariga! *(Para fóra)* Que tivesse muito boa viagem.... *(abraçando repetidas vezes Antonio Avellar que entra.)*

SCENA V.

As mesmas, Antonio Avellar e Joaquim ~~Santos~~.

D. JOANNA, continuando.

Que deixasse com saúte a comadre, o compadre e tudo o que lhe pertence!...

ANTONIO.

Obrigado, minha madrinha! Obrigado! Muitas saudades que lhe envião todos....

JOAQUIM.

Está bom, Sra. ! Basta ! Basta ! Não me afogue o rapaz.... apre com tanto abraçar!.... Deixe-o abraçar tambem a sua noiva, que está morrendo por isso ! Vamos lá, Sr. maganão ! Vamos lá !...

MATHILDE.

Papai !

JOAQUIM.

Qual papai, nem meio papai ! á ella, Antonico ! á ella !

ANTONIO.

Perdão, meo padrinho... Não sei se devo...

JOAQUIM.

Deves... deves... Pois não deves ?... á ella ! Antonico á ella ! (*empurrando Antonio enquanto D. Joanna empurra igualmente Mathilde.*)

D. JOANNA, gritando.

Ande, Srã. ! Não me sejas molle. Antonico ! Não me sejas molle !

ANTONIO, abraçando Mathilde.

Perdão ! Perdão se me atrevo a tanto...

JOAQUIM.

Atreve-te mais, Antonico ! Atreve-te outra vez, paspalhão ! (*Antonio fica fallando em voz baixa a Mathilde.*)

D. JOANNA, agarrando Eugenia que tem estado occulta por detraz della.

Agora á esta, Antonico ! agora á esta !

EUGENIA.

O que é isso, minha tia ! Largue-me !....

JOAQUIM.

Olé ! está por cá a nossa linda viuvinha ! A nossa ermitôa ! Nada ! E' a mim que me ha de abraçar....

EUGENIA.

Ah ! a Vmc. com muito gosto, meo tio.

D. JOANNA.

Toleirona. Quem deixa um rapagão como este, por um carcasso, que já anda a arrastar os pés... Olhem que ha gostos !...

JOAQUIM.

Falla com ciúmes !... ~~Falla com ciúmes.~~ Tome figas ! Venha outro, Eugeninha ! Venha outro !

EUGENIA.

Basta, tio Quincas, basta !

JOAQUIM, dando um estalo com a lingua.

Oh ! que é um gosto abraçar um peixão como este ! Ora venha cá (*tomando Eugenia pelo braço*). Conte-me.... Por onde é que tem andado ?... (*Continúa a conversar em voz baixa.*)

D. JOANNA, para Antonio.

Como está mudado este menino ! Como se tornou

bonito nestes oito annos... E' um homemzarrão !
Olha que não me canço de admirar-te !...

ANTONIO.

Bondade sua, minha madrinha.

D. JOANNA.

Não, Sr... Não, Sr.... Não te faço senão justiça...
Mas vamos.... Conta-me como ficou a comadre?
Ainda muito adoentada, não ? Coitadinha ! E o com-
padre sempre espertinho, sempre trabalhador....
heim ?

ANTONIO.

Mamã, continiua sempre a soffrer. Com tudo tem
passado, estes ultimos tempos, um pouco melhor.
Fapae vae indo sem novidade. Oh! que desejos que
elles tiverão de acompanhar-me !... Se não fosse o
estado melindroso de sua comadre, creio que nos
teria agora todos por cá...

D. JOANNA.

Que pena ! E eu que teria tanto gosto em os abra-
çar . O que nos vale é que havemos de ir lá passar
com vocês uma boa temporada, logo depois.... bem
me entendes !...

JOAQUIM, deixando Eugenia.

Alto lá ! Basta de papaguear ! Deixem ir mudar
de fato o rapaz, que está a fazer um calor de todos

os diabos... Temos muito tempo para tagarellar...
Qual foi o quarto que lhe prepararão?...

D. JOANNA.

E' aquelle que dá para o jardim !...

JOAQUIM, á D. Joanna.

Está bem ! Ande, Sra., mecha-se ! Vá cuidar do
jantar ! Que não falte nada ! Ande, Sra. !...

D. JOANNA.

Ahi vou.... ahi vou.... já me ia esquecendo a mi-
nha marmelada que lá me está esperando.... Toma,
Antonio. Prova lá deste docinho que preparei de
proposito para ti. (*Chegando-lhe a colher á boca.*)

JOAQUIM.

Ora esta Sra. sempre tem umas lembranças !

ANTONIO, provando.

Está excellente, minha madrinha !

D. JOANNA.

Olhem, como elle gostou ! Até lambeo os beiços !...

JOAQUIM.

Vamos, Sra... despache-se que vão sendo horas...

D. JOANNA, correndo para dentro.

Ahi vou... ahi vou. (*Sahe. Mathilde quer segui-la.*)

JOAQUIM, detendo Mathilde.

Alto lá, pequena! Onde vai?

MATHILDE.

Vou ajudar a mamãe.

JOAQUIM.

Não é preciso. Fique ali mesmo. Tenho que lhe fallar.... *(Mathilde chega-se para Eugenia, e entrão a conversar em voz baixa.)*

JOAQUIM, tomando Antonio pelo braço.

Anda mudar de roupa, Antonico.... *(Levando-o para a porta do quarto indicado.)* Aqui tens o teu aposento. Creio que lhe não faltará nada. Comtudo, se precisares de alguma cousa, é tocar a campainha....

ANTONIO, indo para entrar.

Obrigado, meu padrinho, obrigado....

JOAQUIM, detendo-o, e fallando em meia voz.

Escuta cá.... A rapariga aqui te fica esperando na sala. Ella está acanhadita.... mas logo que lhe tiveres feito uns agradinhos daquelles que todos os rapazes sabem.... heim? Creio que me entendes?... Olha.... aproveita o tempo, Antonico.... Não sejas tolo....

ANTONIO.

Deixe estar, meu padrinho... Farei o que puder...
Demais tenho tanto que dizer-lhe !...

JOAQUIM, empurrando-o para dentro.

Pois sim.... pois sim.... Vae-te despir.... (*Antonio
sabe.*)

JOAQUIM, à Eugenia.

Agora nós, Sra. minha sobrinha.... Venha cá....
Quero mostrar-lhe uns augmentos, que fiz lá para
os fundos da casa e dois magnificos canteiros no-
vos que temos no jardim... Oh ! são lindos ! Vae
vel-os....

EUGENIA.

Com muito prazer, meu tio. (*Baixo á Mathilde*) F'
um tête-à-tête que te proporcionão...

MATHILDE, idem.

Ai ! meu Deos ! Estou toda a tremer !...

EUGENIA, idem.

Animo ! (*A' Joaquim*) Vamos vêr os seus cantei-
ros, meu tio....

JOAQUIM.

Prompto ! (*Em meia voz*) O que é que lhe disses-
te, bregeira ?

ENGENIA.

Eu? nada.... (*Enfiando-lhe o braço.*)

JOAQUIM.

Não fôras tu viuva! (*A' Mathilde*) Espere-me aqui,
que eu volto já. (*Sabe dando o braço á Eugenia.*)

SCENA VI.

MATHILDE, só.

Meu Deos! Que terrivel situação! Sinto fraquear cada vez mais a minha resolução de ha pouco.... O que fazer?... (*Pausa*) Como elle está mudado.... Nem parece o mesmo!... Oh! Não sei como explicar o que se passa em mim.... Dir-se-hia que já o não aborreço tanto.... que já o não aborreço nada... E porque o hei de aborrecer? Elle nunca me fez mal.... Antes pelo contrario!... Como elle olhava para mim! Depois aquelle abraço.... produzio-me uma tal commoção! Ainda me sinto toda agitada!... Se eu me tivesse enganado.... Oh! Mas o que é isto em que estou a pensar? Parece-me que vou enlouquecendo!... E Salustiano? o meu bom Salustiano! Pobre moço! Todos são contra elle.... Até a Eugenia! E' talvez por isso mesmo que ainda lhe estou querendo mais.... Leiamos, ainda uma vez a sua carta.... Ella me dará coragem. (*Abre a gaveta da mesa de costura, tira um papel e lê para si.*)

ANTONIO, chegando á porta do quarto e espiando para fóra.

Como é bonita! Quantos attrativos novos lhe

trouxerão estes oito annos decorridos.... Vamos....
Coragem! Dir-se-hia que estou com medo!...

MATHILDE, terminando a leitura.

Oh! meu querido Salustiano! Quanto te amo!
(Beijando o papel.)

ANTONIO, suffocando um grito, e escondendo-se precipitadamente.

Ah!

MATHILDE.

Meu Deus! O que foi isto! Foi como um gemido.... alli.... no quarto delle.... Se elle estivesse a ouvir-me.... Que imprudencia! Parece-me que falei alto.... Se elle me ouviu!... Qu'importa? Não vou eu confiar-lhe tudo? *(Ouve-se Antonio tossir.)*
Ah!... Creio que me assustei sem razão.... Escondamos isto... *(Guardando de novo o papel na gaveta, e assentando-se junto á mesa.)*

SCENA VII.

Mathilde, e Antonio ainda á porta.

ANTONIO.

D. Mathildinha....

MATHILDE.

Sr. Avellar....

ANTONIO.

A Sra. permite....

MATHILDE.

Pois não, Sr. Avellar....

ANTONIO, entrando.

Venho talvez interromper....

MATHILDE.

Oh ! por modo algum.... não quer sentar-se ?

ANTONIO, sentando-se

Se m'o consente.... *(Pausa.)* D. Mathildinha....

MATHILDE.

Sr. Avellar....

ANTONIO.

Tenho tanto que dizer-lhe....

MATHILDE.

Ouvil-o-hei com muito prazer, Sr. Avellar....

ANTONIO.

Mas é que não sei por onde principiar....

MATHILDE.

Pelo principio... Não lhe parece o mais natural ?...

ANTONIO.

E' justo.... Começarei pelo principio.... (*Pausa.*)
D. Mathildinha.

MATHILDE.

Sr. Avellar....

ANTONIO.

Recorda-se d'aquelles tres mezes, para mim tão
deliciosos, que passamos juntos no Itajahy?

MATHILDE.

Se me recordo ! Não foi lá que recuperei a minha
saude compromettida ?

ANTONIO.

E é só isso que lh'os faz lembrades ?

MATHILDE.

Oh ! não, por certo ! Seria uma horrivel ingrati-
dão da minha parte, se não conservasse as mais vi-
vas recordações das pessoas que ahi me fizeram tão
bondosa, tão delicada hospedagem !...

ANTONIO.

Só isso ?

MATHILDE.

Ah ! Guardo ainda lembranças agradaveis dos

formosos sitios que percorri... daquellas pittorescas margens do Itajahy, daquellas magestosas florestas....

ANTONIO.

Só disso ?

MATHILDE.

Creio que só....

ANTONIO, suspirando.

Ah! Bem vejo que as impressões que me gravarão n'alma esses tres mezes, tão depressa escondos, forão muito mais sérias, muito mais profundas!... Não imagina a completa revolução que se operou em todo o meu ser.... Quando a Sra. deixou a nossa fazenda.... foi como se se fizesse o deserto em torno de mim. Tudo havia mudado! Eu mesmo não escapára à geral transformação.... Sentia-me outro.... Os meus gostos, as minhas aspirações erão já tão diferentes!... O que d'antes era para mim uma occupação util, ou um apreciavel passatempo, comecei a achal-o indigno de tomar-me o tempo.... E tudo isso por sua causa....

MATHILDE.

Por minha causa ?!

ANTONIO.

Sim, aquella intima convivencia em sua companhia, as suas palavras amigas, as suas delicadas in-

situações, as suas lições proveitosas vierão despertar em minha alma, idéas que ali estavam como que adormecidas.... Foi só então que comprehendí que o papel do homem no mundo não se devia limitar a conhecer brutalmente o amanho das terras, o plantio da canna e da mandioca, o fabrico dos generos de consumo e os preços mais vantajosos dos mercados....

MATHILDE.

E fui eu quem lhe ensinou a comprehender tudo isso? Deveras que me não suppunha tão adiantada...

ANTONIO.

Ah! A Sra. zomba do que estou a dizer-lhe!... Entretanto é a pura verdade. Foi a Sra. quem me inspirou o gosto pelo estudo; quem me fez aprender o pouco que hoje sei; quem me induzio a ir procurar, em sociedade mais culta, as maneiras que se não aprendem n'uma fazenda distante dos povoados; cercado apenas de escravos grosseiros e buçaes.... Para empregar a comparação mais exacta: eu era um animal sylvestre e bravo, graças á sua poderosa influencia, julgo-me hoje domesticado....

MATHILDE.

E' possível! Nesse caso creia que sinceramente me felicito dessa influencia fascinadora; pela qual, confesso que não tinha dado até agora....

ANTONIO, com leve despeito.

Continúa a zombar?... Faz mal.... Não digo mais

que a verdade... E quer a Sra. saber mais? Foi somente com o fim de tornar-me agradavel aos seus olhos, que trabalhei com affinco na obra da minha regeneração....

MATHILDE.

Oh! O Sr. Avellar confunde-me.... Em que lhe pude en merecer tanto favor?... Oh! Perdoe-me se lhe disse coisa que o pudesse offender.... Não era essa a minha intenção.... Pelo contrario.... E' que a direcção que o Sr. Avellar vai dando á este nosso entretenimento, embaraça-me, constrange-me, como não imagina.... Entendi que a podia desviar.... Entendi mal.... Arrependo-me e peço-lhe humildemente perdão....

ANTONIO.

Por quem é... D. Mathildinha.

MATHILDE.

Aprecio toda a dedicação, toda a delicadeza do seu procedimento. E quanto mais o aprecio, tanto mais me sinto na obrigação de usar para com o Sr. de toda a franqueza.... de toda a confiança.... O Sr. possui elevados sentimentos....

ANTONIO.

Oh! minha Sra.

MATHILDE.

Creia que lhe faço a justiça que merece.... E por isso ao mesmo tempo que me deixo levar por esta

illimitada confiança que deposito na sua generosidade, vejo-me igualmente embaraçada pelo receio de abusar della.... Mas cumpre que o Sr. não seja iludido quanto aos sentimentos que me suppõe.... Eu....

ANTONIO.

Oh! Falle, minha Sra.... A sua hesitação é-me peor de que tudo quanto me possa dizer de mais desagradavel....

MATHILDE.

Ah! Sr. Avellar!... O Sr. é um nobre coração.... e eu não o mereço!....

ANTONIO.

Comprehendo, minha Sra. Comprehendo.... mas pelo amor de Deos!... acabe....

MATHILDE.

A minha felicidade está nas suas mãos.... Se eu me atrevesse a supplicar-lhe... Se me atrevesse a perguntar-lhe... o que posso esperar da sua magnanimidade?...

ANTONIO, depois de curta hesitação.

Tudo... tudo, minha Sra.

MATHILDE.

Ah! Não imagina o quanto me custa... o quanto soffro, em ter de espedaçar sonhos que na bondade

do seu coração tenha por ventura formado... Mas não devo illudil-o... Não que tambem me entereço pela sua ventura que eu não poderia assegurar...

ANTONIO, levantando-se.

Cónclua... minha Sra. Tem já a minha promessa... Peça... mande... Do que não serei eu capaz, para poupar-lhe um pesar por mais simples que seja!... O que é minha felicidade para ser collocada a par da tranquillidade de toda a sua existencia! Mas não... Quero poupar-lhe uma confissão que lhe seria penoza, e a mim... Não fallemos de mim... Oh! Eu adiviuho o que me quer dizer... Os sentimentos que me desabrochárão n'alma não achárão echo no seu coração... O projectado enlace dos nossos destinos é-lhe um pezadêlo horrivel... Não tem nas suas mãos o poder de rompê-lo, e esperou em mim, confiou nos meus brios, na minha honra e lealdade. Fez bem, não faltarei á confiança que em mim depositou...
a fôrça
Falle.... Não era isso o que me queria dizer?

MATHILDE, abaixando a cabeça.

Sim.... era isso mesmo.

ANTONIO.

/ a mim
Tranquillise-se, minha Sra.... Eu comprehendo os seus escrupulos e approvo-os.... Coração que não puderão mover os meus extremos, não n'ò quero possuir violentado.... Comprehendo tambem o por que recorre a mim de preferencia.... Seu pai.... meu padrinho, não quereria.... não terá talvez querido attender ás suas queixas... Tranquillise-se... Encar-

rego-me de tudo.... Assumirei, eu só, toda responsabilidade deste rompimento....

MATHILDE, levantando-se.

Oh! Sr. Avellar!... Antonico! Eu sou uma ingrata! Não lhe mereço tanta abnegação....

ANTONIO.

O que será que a Sra. me não mereça? Nada me ficará devendo.... Pagar-me-ha de sobra a certeza de ter, eu só, concorrido para a sua felicidade... Que compensação mais doce posso eu almejar?... E ouça-me... Depois do que lhe acabei de ouvir... Sou eu.... Sou eu o mais interessado porque se passe tudo como acabo de dizer-lhe.... Agora.... D. Mathildinha, sou eu o primeiro a oppôr-me a essa união que foi o mais bello sonho da minha vida.... Oh! não tenha receios. Um pretexto é cousa que com facilidade se acha.... Logo mais.... quando tiver pensado com mais calma, terei encontrado vinte, quarenta.... cada qual melhor.... E agora ha de permittir-me.... Até logo.... Vou dar um passeio ao jardim.... Tenho a cabeça em fogo.... O ar livre ha de fazer-me bem e inspirar-me melhor.... Dá-me licença. (*Comprimentando e querendo retirar-se.*)

MATHILDE, que se tem conservado confusa, e com a cabeça baixa.

Vae-se? Vae-se já!... Não fica mal commigo?...

ANTONIO, sahindo precipitadamente.

Não.... Não....

MATHILDE, deixando-se cahir n'uma cadeira.

Ah ! Quanto sou desgraçada !

SCENA VIII.

Mathilde e Eugenia.

EUGENIA.

Apre ! custou-me a fugir de teu pai ! Então ? já teve lugar a explicação ? Correo tudo á medida dos teos desejos, não é assim ? Mas o que tens ? O que quer dizer esse ar desolado ?

MATHILDE.

Ah ! Eugenia ! que perfido conselho o que tu me deste !

EUGENIA.

Como ?! Dar-se-ha caso que não tenha sortido o effeito desejado !

MATHILDE.

Ao contrario... Tudo se passou como o havias previsto. Com a differença que me não foi preciso dizer-lhe quasi nada.... Elle tudo adivinhou... Prevenio a supplica que tinha a fazer-lhe... e Está por tudo quanto aqui tinhamos ideado...

EUGENIA.

Deverás ? Mas, então, não sei do que é que te queixas !...

MATHILDE.

Nem eu... Eu mesmo não me comprehendo... Mas vês tu?... Revolta-me o procedimento d'este rapaz... Oh! os homens! os homens!... São todos uns hypocritas... a facilidade com que elle desistio das suas pretensões! O aqodamento com que foi ao encontro dos meus desejos! Era esse o amor que me dizia ter!... Mentiroso!... E eu que esperava que elle resistisse... que instasse commigo... que me supplicasse... Sempre sou bem inexperiente!... Estou capaz de apostar que elle já tem outra paixão... Que só accitava a minha mão por desempenhar a sua palavra e a do pae... Talvez pelo interesse... Sou filha unica e papae não está mal de fortuna... está mesmo muito bem... Perfido! Tanto melhor... Ao menos, nada ficarei devendo á sua generosidade... Não fiz sacrificio algum em desistir da minha mão... Obedece ás suas proprias conveniências...

EUGENIA.

Ta...ta...ta... Que sucia de disparates que estás ali a enfiar!... Decididamente perdeste a cabeça... Não se póde ser mais injusta, nem mais ingrata... E's um monstrosinho como não ha exemplo... Escuta... Porque te queixas desse pobre moço ~~que~~...

MATHILDE.

Ainda o defendes? Deixa-me!... Não quero ouvir-te mais!... Não és minha amiga... Adeos...
(Querendo retirar-se.)

EUGENIA.

Ouve uma palavrinha só....

MATHILDE.

Nem meia.... Deixa-me.... Vou mudar de *toilette* para.... para receber o Sr. Salustiano....

EUGENIA, detendo-a.

Mentes! Quizeste parecer feia.... e agora vaes procurar fazer-te ainda mais bonita do que és.... Nega-o.... nega-o se és capaz....

MATHILDE, escapando-se e fugindo.

Larga-me, demonio!... (*Sahe.*)

EUGENIA.

Pobre criança! Pensa illudir-me! Bem te percebebo.... Tanto melhor. (*Sahe.*)

SCENA IX.

Joaquim e Antonio.

JOAQUIM.

Ora, Sr. meu afillhado.... Vm. por mais que me diga, é um formidavel pedaço d'asno!...

ANTONIO.

Mas, meu padrinho.... E' que eu me senti tão perturbado!

JOAQUIM.

Diabos levem tantas perturbações !... Ah ! rapazes do meu tempo !... Aquillo é que erão uns tunantes de força ! Era metter-se-lhes uma rapariga á cara e não era preciso dizer-lhes mais nada.... Não, Sr. ! isto assim não tem lugar !... Estás-me desgostando ! Sempre te suppuz mais atirado.... Enfim... passe por esta.... Mas logo, depois do jantar.... quero vêr isso mais animado.... Olha, entra-lhe pelo vinho do Porto.... Serve para dar coragem.... Uma meia duzia de copetes bons, sempre'dão um certo tom á fibra.... E o mais é que vão sendo horas.... (*Olhando o relógio.*) Ui ! Tres horas ! Não espero mais.... O Sr. Salustiano que vá para o inferno.... Sempre se ha de esperar pela mais ruim figura !

ANTONIO.

Ah ! Vm. espera mais alguem ?

JOAQUIM.

Espero o Salustiano.... Um paspalhão muito grande, muito desfructavel.... Mas é despachante d'Alfandega.... Tem-me feito alguns favores, e um negociante precisa andar sempre bem com esses diabos.... Ora adeos ! Vou mandar pôr o jantar na mesa. Que o leve a bréca, ao Salustiano.... Não te esqueças das minhas recommendações ! (*Sahe.*)

ANTONIO.

Vá descansado, meu padrinho.

SCENA X.

ANTONIO, só.

Ninguém m'o tira da cabeça... Não... não foi engano. Jos meus ouvidos... Estou certo de que ella ama a outro... Quem sera o infame?... Ah! que se eu chego a conhecê-lo!... Aquelle papel... aquelle papel!... Se eu o pudesse descobrir!... (*Chegando-se á mesa de costura.*) Lá ouvi perfeitamente uma bu-lha de gaveta que se fechava... De ella o tivesse aqui deixado!... Ah! Não sei se me atreva... (*Olhando em redor.*) Ninguém!... Ora! porque me não hei de atrever? Não posso resistir á tentação... Dê por onde der! (*Abre a gaveta.*) Oh! O papolinho verde! E' elle!... Estás filado, miseravel! (*No momento em que Antonio abre a gaveta, apparece Eugenia d'uma das portas.*)

SCENA XI.

Antonio e Eugenia.

ANTONIO, percorrendo a carta com os olhos.

Ah! Eu não me tinha enganado!... Vejamos-lhe a assignatura... « Salustiano Cambucá. » Que nome de bruto! Salustiano! Será o mesmo que meu padrinho espera? Oh! que se for elle!... E o estylo em que escreve este animal! (*Lendo*) « Tu és a aspiração dos meus dias de febre; o sonho das minhas noites sem somno! (*Fallando.*) Mas isto não é d'elle! E' de um romance... d'um romance d'Élie Berthet que alli trouxe commigo na mala! Infame plagia-rio! (*Lendo em meia voz e interrompendo-se.*) E o

mais tudo... e o mais tudo!... Se eu o tenho quasi de cór!... É é por uma basta destas que ella me despreza! Ah! que se esse Cambucá fôr o mesmo Salustiano que meu padrinho convidou para jantar... hei de fazer-lhe....

EUGENIA, intervindo

Não lhe ha de fazer cousa nenhuma.... Basta o que acaba de fazer, que é muito mal feito!

ANTONIO, confuso.

Ah! Perdão.... Perdão, minha senhora!... Eu tenho perdida a cabeça!... Se soubesse como sou desgraçado!...

EUGENIA, com fingida severidade.

Ponha essa carta no lugar d'onde a tirou....

ANTONIO, obedecendo.

Pois não.... minha Sra., pois não....

EUGENIA.

Ouçame agora.... Desculpo o que o Sr. acaba de fazer.... Conheço-o e conheço a pureza das suas intenções.... Conheço-o e estimo-o tanto, quanto desprezo o autor d'aquella carta.... quero dizer o plagiario....

ANTONIO.

Oh! minha Sra.... Como lhe pude merecer?...

EUGENIA.

Ouçá-me, Sr... Ouçá-me e calle-se.... E' o seu castigo. O tempo urge, e por isso não entrarei em longas explicações.... O Sr. ama minha prima.... Suppõe que ella o desdenha....

ANTONIO.

Tenho certeza....

EUGENIA.

Silencio! Ella tambem o suppõe.... mas está enganada. Verdade é que já principia a desenganar-se.... Cumpre, porém, desilludil-a de todo. Encarrego-me disso e o Sr. vae ajudar-me.

ANTONIO.

Será possível! A Sra. é o meu bom anjo!

EUGENA.

Quer fiar-se inteiramente de mim?

ANTONIO.

De todo o meu coração!...

EUGENIA.

Neste caso, ouçá-me e obedeça-me... Em primeiro lugar, já nos encontrámos, ha algum tempo....

ANTONIO.

Não me recordo. Onde foi mesmo que eu tive essa honra?

EUGENIA.

Nas Caldas da Imperatriz....

ANTONIO.

Mas se eu nunca lá estive !...

EUGENIA.

Não importa....

ANTONIO.

Ah ! Comprehando....

EUGENIA.

Muito bem. Mathilde não tarda a vir por ahí. Em presença della vae o Sr. tornar-se para commigo muito amavel, mais ainda do que já o é.... Permitto-lhe mesmo que tome algumas pequenas liberdades.... Confirmará tudo quanto eu disser.... Ajudar-me-ha o mais intelligentemente que puder.... Tem percebido ?...

ANTONIO.

Perfeitamente.... Sei onde quer chegar....

EUGENIA.

Muito o estimo.... O resto deixemo-lo ao acaso.... Talvez que nos sirva ainda melhor... Agora, vá buscar o romance de que fallava ainda ha pouco....

ANTONIO.

Com muito prazer. (*Entra no quarto.*)

EUGENIA, só.

Ah! A Sra. minha prima foge-me? Está de arufos commigo? Pois bem. Hei de patrocinar a sua causa ainda contra a sua vontade.... E' a minha vingança....

ANTONIO, sahindo com um livro na mão.

Aqui o tem, minha Sra., e até aberto na pagina roubada.... póde confrontar o original com a copia e certificar-se-ha....

EUGENIA.

Não é preciso... Acredito no que me diz... Conserve-o aberto n'esse lugar... (*Assentando-se no divan.*) Agora assente-se aqui junto de mim... Mais perto... mais perto ainda.... Ui! Tem medo de mim?... Parece-me que não sou tão velha, nem tão feia!...

ANTONIO, beijando-lhe calorosamente a mão.

E' um anjo! Um anjo adoravel!... E eu o mais humilde, o mais captivo dos seus adoradores...

SCENA XII.

Os mesmos, e Mathilde trajando já diversamente.

MATHILDE.

Ah!

EUGENIA.

Ah! (*Baixo a Antonio*) Vê como nos protege o acaso? (*A' Mathilde*) E's tu? Ai! que susto que nos causaste!

MATHILDE, despeitada.

Oh! Perdão.... Vejo que os vim interromper.... Estavão n'uma conversação tão animada!...

EUGENIA.

Sim.... Era este querido Sr. Avellar....

MATHILDE.

Bravo! prima.... Que familiaridade! Andarão depressa em fazer tão intimo conhecimento!...

EUGENIA.

O que queres? Os conhecimentos velhos são mesmo assim.... Reatão-se sempre com mais calor....

MATHILDE.

Como?! Pois já se conhecião?

ANTONIO.

Sim, minha Sra. Tive a honra de encontrar-me com a Sra. D.... (*A' parte*) Ai que lhe não sei o nome!...

EUGENIA, emendando.

Nas Caldas da Imperatriz.... Quando ahi fomos

eu e meu marido a fazer uso das aguas thermaes, que lhe havia sido aconselhada.... Vae para tres annos; não, Sr. Avellar?

ANTONIO.

A mim parece-me que foi ha tres dias apenas.... São tão vivas as recordações que me ficarão daquelles dias amenos que passamos juntos....

EUGENIA, olhando-o com requebro.

Lisongeiro !

MATHILDE.

Ah ! Conhecião-se ! E nada me disseste ?...

EUGENIA.

E como querias que t'o dissesse ? A principio não o reconheci..... está tão mudado ! Para melhor... sempre para melhor....

ANTONIO.

São os seus lindos olhos que tem o poder de aformosear em tudo quanto lhes merece um raio animador... (*A' Mathilde*) Não é verdade que tem uns olhos de matar ?

MATHILDE.

Oh ! encantadores !...

EUGENIA.

Quando elle chegou... apenas o vi de relance...

Depois quando já me havião despertado as reminiscências... Não houve meio de t'ó dizer... andavas a fugir de mim... Porém, vamos, Sr. Avellar... Continue a ~~tua~~ leitura... Tinhamos ficado n'aquella interessante carta... Torne a lê-la... (A Mathilde) Não queres ouvir ?

MATHILDE, encaminhando-se para a janella.

Obrigada ! Detesto os romances...

EUGENIA.

Não tens razão... Leia, Sr. Avellar... leia...

ANTONIO, lendo em voz alta.

« O vazio de minha alma só o pode preencher a tua presença, só tu, n'este mundo és capaz de comprehender-me. »

MATHILDE, parando, e á parte.

Meo Deos !! O que está elle a lêr ?

ANTONIO, lendo.

« Tu és a aspiração dos meus dias de febre... »

MATHILDE, correndo para elle arrebatadamente.

O que é que está lendo, Sr. !...

ANTONIO.

Um romance, minha Sra.... *O Jurado* d'Élie Berthet....

MATHILDE, furiosa.

Mente ! Mostre-me.... Quero vêr onde está o que o Sr. ahí lêo....

EUGENIA.

Mas o que tens tú ? ! Estás louca ?

MATHILDE.

Mostre-m'o.... Sr.... Quero vêl-o !... (*Batendo com o pé, impaciente.*)

ANTONIO, apontando o lugar.

Aqui, minha Sra.... aqui....

MATHILDE, arrancando-lhe o livro das mãos.

E' impossivel ! (*Percorrendo o livro com os olhos.*)

ANTONIO.

Veja, minha Sra.... ahí no fim da pagina, á esquerda.

MATHILDE, furiosa, arrojando o livro com força.

Oh ! O miseravel !

ANTONIO.

Minha Sra. !...

EUGENIA.

Mas o que tens tu ?... O que significa esse procedimento ?!...

MATHILDE, procurando disfarçar.

Nada !... nada !... Perdão, Sr. Avellar. Foi um movimento nervoso... involuntario... Eu bem lhes dizia que detestava os romances (*apanhando o livro e entregando-o a Antonio*). Ainda uma vez... Perdôe-me, Sr. Avellar... Mas peço-lhe... supplico-lhe... poupe-me a sua leitura... se é que não deseja que me retire....

ANTONIO.

Tenho sempre o maior prazer em obedecer-lhe (*deixando o livro sobre a meza.*)

EUGENIA, á parte.

Pobre Mathilde! Vou pôr termo ao seo martyrio...

UM ESCRAVO, annunciando á porta.

Meu Sr. Salustiano ! (*sahe*).

EUGENIA, á parte.

E' tarde ! (*em voz baixa a Mathilde*). Até que enfim ! Deixamos-te em liberdade e vamos, eu e o Sr. Avellar, continuar a nossa leitura no jardim...

MATHILDE, perturbada e olhando-os com ciúme.

Oh ! não !... não quero que vão sós... peço-lhes que não vão... Eugenia !... Por quem és ! não me deixes só...

EUGENIA.

Pois sim... far-te-hemos a vontade. (*Indo para a janella*) Sr. Avellar !...

ANTONIO.

Minha Sra. (*Indo fazer-lhe companhia á janella.*)

MATHILDE, á parte, olhando-os com ciúme e rancor.

Oh ! Perfidos ! Tudo comprehendo ! Elles se amavam ! Foi um ajuste entre ambos... Uma negra traição que me urdirão !

SCENA XIII.

Os mesmos e Salustiano.

SALUSTIANO, á porta.

Permitte-me o ingresso, Excellentissima ?

MATHILDE á parte.

E para cumulo de desespero este embusteiro... (*alto*). Queira entrar, Sr. Salustiano...

SALUSTIANO, sem attender para o grupo á janella, e dirigindo-se á Mathilde a quem faz uma profunda venia.

E' sempre com o mais vivo sentimento de prazer que me cabe a honra de informar-me da preciosa saude de V. Ex....

MATHILDE, chegando-lhe uma cadeira.

Obrigada, Sr. Salustiano... Queira ter a bondade de assentar-se... Eu passo menos mal... Queira assentar-se... (*Assentando-se.*)

SALUSTIANO, aceitando a cadeira que lhe offerecem.

Ser-me-ha permittido indagar como passão os respeitaveis progenitores de V. Ex?

MATHILDE.

Bons... Todos bons, graças á Deos... E o Sr.?

SALUSTIANO, suspirando.

Eu?... Ah!... Como ha de passar o desditoso naufrago que está a brucejar entre as encapelladas ondas, lá bem no meio do insondavel Oceano, sem que uma mão amiga se lhe estenda e lhe offereça salvação?...

MATHILDE.

E' o inconveniente de deitar-se a afogar tão longe da praia!

SALUSTIANO, abaixando a voz.

Ah! minha Sra.! Não zombe do desgraçado jungido aos aureos varaes do seu carro de rainha!... Oh! V. Ex. bem comprehende ao que me quero referir....

MATHILDE.

Juro-lhe que não!... Custa-me tanto a decifrar enigmas!

SALUSTIANO.

Como! Pois V. Ex. dotada de tanta penetração, d'esse tacto feminino tão delicado que me não canço de admirar, não se apercebeo de que quero alludir, áquella sentida missiva que tive a inqualificavel ousadia de dirigir a V. Ex.? A esse amoroso gemido de minha alma que ainda espera a palavra de consolação como a rôla que anciosa....

MATHILDE.

Ah! Já o entendo.... Descance.... Ha de ter a resposta que merece aquella fiel *traducção*.... dos sentimentos que lhe inspiro.

SALUSTIANO.

Oh! Quando? minha Sra.... Quando terei eu a ineffavel dita?...

MATHILDE, tomando o livro que Antonio deixára sobre a mesa.

Quando estiver mais adiantada na leitura que estou fazendo deste romance.... Conhece-o? (*apresentando-lhe o livro.*)

SALUSTIANO, tomando e ficando muito perturbado.

Não, Sra.... Quero dizer.... que parece-me.... ha

já muito tempo.... Ui ! Que calor que está a fazer ?
Não sente, minha senhora ?...

MATHILDE.

Pouco. Quer que lhe mande vir um leque ? Uma
limonada ?

SALUSTIANO.

Obrigado, minha senhora. Não se encommode V.
Ex. *(à parte)*. Mudemos de chave, ou estou perdido !
(alto). Sabe, minha senhora, que escapei hoje ao pe-
rigo mais tremendo, mais formidando que imaginar-
se possa ?

MATHILDE, com indiferença.

Sim ? Conte-me... conte-me isso...

SALUSTIANO.

Não lêo o ~~noticiário~~ ^{correspondente} do *Despertador* de hoje ?

MATHILDE.

Não... Porque ?...

SALUSTIANO.

Não lêo ?!... aquella imminente catastrophe de
que ião sendo victimas uma pobre mulher e dois in-
nocentes filhinhos, acommettidos por um touro bra-
vio escapado ao curral do matadouro publico....alli,
do outro lado do Estreito... quando um homem des-
conhecido... um salvador... surgindo inesperada-
mente... livrou-os d'aquella horrivel morte que os

esperava !... E sabe ?... quer saber quem foi esse homem... desconhecido da gente do lugar... que fugindo ás manifestações de gratidão da bôa mulher, e á admiração da gente que havia depois acudido... sem querer declarar o seo nome, embarcou-se na pequena canôa que alli o transportára e... desapparecêo ?...

MATHILDE, commovida.

Que ! Seria o Sr. ?...

SALUSTIANO.

Ah ! Eu jurei não o revelar a ninguem... Estas cousas não se divulgão... mas á senhora... o que lhe posso eu occultar ? Sim... minha senhora, fui eu !..

MATHILDE, transportada, tomando-lhe as mãos.

Oh ! O Sr. tem um nobre coração !... E eu que principiava a duvidar d'elle !... Perdão !... mas quero que todos o saibão...

SALUSTIANO.

Por quem é, minha senhora... E a minha modestia ?...

MATHILDE, para Eugenia e Antonio.

Prima ! Sr. Avellar ! Venhão cá !... Façam-me o favor de vir escutar o feito mais nobre, mais grandioso....

(Eugenia e Antonio aproximão-se.)

EUGENIA.

O que foi ?

MATHILDE, apresentando Salustiano.

O Sr. Salustiano, um dos nossos melhores amigos... *(a Salustiano apresentando Eugenia, e depois Antonio)* minha prima. O Sr. Avellar, afilhado de meus pais. Desculpem, se sómente agora me occorreo o dever de os tornar mutuamente conhecidos... *(Troca de civilidades entre os apresentados)* E agora... Vamos, Sr. Salustiano... Esqueça por um momento a sua nobre modestia... Supplico-lh'o... Queira repetir diante destes Srs. esse facto que tanta honra lhe faz...

SALUSTIANO.

Ah ! minha senhora ! Não sei se deva...

EUGENIA.

Por quem é !... Sr. Salustiano...

SALUSTIANO.

Obedeço ás ordens de VV. EEx.... Hoje ao romper da aurora, eu me achava á beira do mar... scismando... divagando, como todos aquelles em quem luz a sacra chamma de Apollo... proximo á muralha da velha fortaleza que defende o pequeno estreito que separa a nossa ilha da terra firme. Dalli eu avistava a margem opposta, e a sua praia alva de neve estava a namorar-me de longe... Não pude resistir aos seus attractivos... Tinha alli perto uma

barca de pescador. Metter me dentro d'ella, remar afloitamente e tocar ao ponto desejado, foi obra de 20 minutos. Apenas ponho pé em terra, sou sorprendido por gritos afflictivos de quem pedia soccorro... Eu estava desarmado... ~~Não sabia do que se tratava.~~ Mas não hesitei... Tomei de novo o remo que já havia abandonado, e corri na direcção indicada pelos gritos que continuavão sempre a ouvir-se... Cheguei e comprehendí logo do que se tratava... Era nas proximidades do matadouro Publico... Um touro furioso havia conseguido escapar-se por uma aberta do curral... A gente do lugar que costuma afluír para ver a matança do gado, fugia em todos os sentidos, soltando gritos de terror... uma desgraçada mulher que levava uma criança ao seio e outra agarrada pela mão, arrastava-se penosamente e bradava por soccorro... Depois de haver disparado em direcção opposta, o raivoso animal achando-se illudido na sua sanha... volta de subito e urrando pavorosamente investe contra a mízera mulher e seos filhinhos...

EUGENIA E MATHILDE.

Oh ! meo Deos !

SALUSTIANO.

Eu estava já então a curta distancia... Continúo a correr, soltando altos brados para attrahir sobre mim a ira do bruto... O meu expediente sortio o almejado effeito. O touro parou de novo, para de novo começar a sua desatinada carreira... Mas foi então contra mim que a dirigio...

MATHILDE.

Ah!

SALUSTIANO.

Esperiei-o, a pé firme, com o meo remo levantado a maneira de uma clava herculea, e quando elle se achava pouco mais ou menos, á distancia de uma braça, descarreguei-lhe uma tão rija pancada entre os dois chifres, que o animal baqueou no chão, exhalando um ultimo bramido... O que se passou depois não merece importancia...

MATHILDE.

Ah! Sr. Salustiano! Que brilhante prova de coragem, de abnegação, de humanidade...

SALUSTIANO, inclinando-se.

V. Ex. tem tanta bondade!...

MATHILDE.

E então! minha prima; o que diz a isto?

EUGENIA.

O que queres tú que eu diga? Concorde absolutamente contigo.

MATHILDE.

E o Sr. Avellar? Tambem pensa do mesmo modo?

ANTONIO.

Eu, minha Sra., penso que este Sr. não fez mais que seo dever...

MATHILDE, com um riso zombeteiro.

Ah! o Sr. em igual caso, faria outro tanto... Não é isso o que quer dizer?...

ANTONIO.

Não, minha Sra., não é isso... Mas a ser verdade o que diz este Sr...

SALUSTIANO.

Como?!... Sr. !... Pois duvida?...

MATHILDE, o mesmo.

Deixe-o fallar... Sr. Salustiano... Este Sr. Avelar sempre tem umas lembranças!...

ANTONIO, á Salustiano.

Desculpe se o offendi... mas é que o facto com que V. S. acaba de honrar-nos, foi-me já referido por maneira um tanto differente...

SALUSTIANO.

E' impossivel!...

MATHILDE.

Cada vez a melhor! Bem o dizia eu! Este pobre Sr. Avellar!

EUGENIA.

Ah! já sabia também deste acontecimento, Sr. Avellar?... Sou eu agora quem lh'o pede... Conte-nos como foi que o ouvio referir.... Servirá para nos fazer apreciar o como se póde desfigurar a verdade... Conte-nos mesmo por interesse deste Sr.

MATHILDE.

Dizes bem.... Quer fazer-nos este obsequio?...

SALUSTIANO.

Para que darmos ao Sr. Avellar o trabalho.... o desgosto de fazer-se echo de uma versão naturalmente estúpida, e desenhabida.

ANTONIO.

Trabalho! Por quem é.... mais desejo eu fazer por V. S.... E uma vez que estas Sras. o ordenão....

EUGENIA.

Sim; dar-nos-ha com isso muito prazer....

ANTONIO.

Pois bem; eis ali, em poucas palavras o que hoje ouvi dizer sobre o facto em questão, por pessoa provavelmente mal informada.... Hontem, serião onze horas da noite, demandava a barra do norte deste porto um hiate proveniente do Itajahy. O vento que tinha até então rondado pelo quadrante do nordeste, ameaçava passar-se inteiramente para o sul. E' bem sabido que com tal vento não offerece esta nossa bahia do Desterro a necessaria segurança aos navios

de pequeno calado. O mestre do hiate, homem pratico e prudente, mandou ferrar o panno, e largar o ferro, quasi no estreito, ao abrigo da ponta de Sant'Anna. Um passageiro do hiate, que tinha boas razoes para estar ancioso por saltar em terra, passou o resto da noite a contemplar as estrellas na tolda do navio.... Nao porque fosse favorecido das muzas, mas porque a impaciencia o não deixava pregar olhos. Pela madrugada, o dito passageiro, que vinha pela primeira vez a estes lugares, notando um grande concurso de povo na praia, do lado do continente, diante de um casarão de vetusta apparencia, teve curiosidade de saber o que aquillo era.... Dormiã todos a bordo. O nosso homem tira-se de seus cuidados, salta dentro do batelão amarrado à pôpa do hiate, solta-lhe a amarra e voga vigorosamente para a margem fronteira....

MATHIDE, com anciedade.

E depois? E depois?

ANTONIO.

Depois !... mais nada.... D'aqui por diante a minha narrativa não seria mais do que a repetição da que nos fez o Sr.... com a differença da substituição da sua phrase poetica e figurada, pela minha linguagem pobre e desataviada, e a do nome do Sr. Salustiano pelo do passageiro do hiate Itajahyense...

SALUSTIANO, levantando-se.

E' uma infamia ! Querem roubar-me uma gloria que conquistei com risco de vida !...

MATHILDE, indecisa.

Sr. Avellar!... Se é uma zombaria o que está dizendo... não pôde ser de peor genero... Peço-lhe que se explique com clareza....

EUGENIA.

Sim.... Sr. Avellar.... Eu lh'o supplico igualmente....

SALUSTIANO.

Oh! isto é uma invenção.... uma indigna invenção deste Sr....

ANTONIO, levantando-se arrebatadamente.

Sr. I... Exijo que se retracte immediatamente d'essa expressão.... E já que ousa provocar-me.... não o pouparei mais.... Sou eu esse passageiro de que acabo de fallar.... Fui eu quem praticou esse acto bem simples, bem natural, com o qual não se envergonhou o Sr. de apavonar-se... Fui eu, sim... Atreva-se a contestar-m'o se não é um miseravel.... um covarde!

MATHILDE.

Sr. Avellar

EUGENIA.

Por quem é... Sr. Avellar!... modere-se....

SALUSTIANO, a tremer, muito perturbado.

Mil perdões!... mil perdões!... Sr. Alencar... Sr. Albernaz... Não tive intenção de insultal-o... Pelo contrario... Sou muito seu affeioado... O Sr. deve ter razão... E' que houve uma duplicata... Não po-

de ser por menos... O meu boi... quero dizer... o boi com quem tive a honra de lutar... foi outro boi ... creio mesmo que era uma vacca...

MATHILDE, cahindo sobre uma cadeira e escondendo o rosto nas mãos.

Oh! impostor... e covarde!... (*Eugenia corre para ella, e falla-lhe em voz baixa.*)

SALUSTIANO, o mesmo que acima.

Queirão desculpar-me... Sou esperado... em casa do meu inspector... um jantar... de annos... Não posso faltar... Seo criado... ás ordens... Sem incommodo (*vai sahindo precipitadamente*).

ANTONIO, indo atraz delle.

Olhe que lhe esquece o chapéo (*atirando-lhe com elle.*)

SALUSTIANO.

Muito obrigado (*sahé*).

MATHILDE, soluçando.

Ah! Eu suffoco! Falta-me o ar!...

EUGENIA, amparando-a.

Mathilde!... Querida Mathilde! Accuda, Sr. Avellar! Creio que ella vai desmaiar!... (*abanan-do-lhe o rosto com o lenço.*)

ANTONIO, correndo e cahindo aos pés de Mathilde.

Meo Deos! Sou eu o culpado!... D. Mathildinha!... Perdão! (*beijando-lhe as mãos*).

MATHILDE.

E' o Sr. !... Ai ! (*comprimindo o coração*). Que mal que me tem feito ! Mas o que faz?... (*apontando para Eugenia*). Esquece-se de que ella o está vendo!

EUGENIA.

Ingrata ! Pois não comprehendes que foi uma comedia que estivemos representando ?... Volta á ti, pobre criança !...

MATHILDE.

Mas elle ?...

EUGENIA.

Ama-te como sempre...

ANTONIO.

Mais ainda.... mais do que nunca !... Oh ! Digame que me perdôa.... que me não repelle...

EUGENIA.

Vamos !... Não sejas inflexivel....

MATHILDE.

Oh ! bem o quizera ser... Mas não posso.... O Sr. tem tambem tanto que perdoar-me !...

ANTONIO.

Eu ? Nada... Tudo esqueci, para lembrar-me sómente de que a Sra. me torna o mais feliz de todos os homens....

EUGENIA.

Bravo ! muito bem ! Estão feitas as pazes !...

SCENA XIV.

Os mesmos, Joaquim e depois D. Joanna.

JOAQUIM.

Bravo! muito bem! Assim mesmo é que eu os queria vêr!... Aqui andou mão daquella brejeira!... Senão o tal Sr. meu afillhado, ainda desta feita, não tirava o pé do lodo.... (*Antonio e Mathilde levantão-se logo que entra Joaquim.*)

EUGENIA.

(Que injustiça!

JOAQUIM.

Está bom.... está bom.... O jantar lá nos está esperando... A' elle, rapasiada! á elle... (*d Antonio*) Dá o braço á tua noiva. (*A' Eugenia*) Enfia-me cá o teu....

D. JOANNA, entrando.

Venhão que se esfria a sôpa!... Bonito!... Isto por aqui vae ás pencas!... E olhem-me aquella Sra. desdenhosa... Como está já toda derretida ...

JOAQUIM.

Calle-se d'ahi.... que no seu tempo tambem foi uma boa manteiga!... Ao jantar!... Rapasiada! Ao jantar!... Haja alegria.

F I M .

ERRATAS.

Pags.	linhs.	erros	emendas
7	44	de	em
"	15	á	a
8	2	calladinha	caladinha
10	12	calará's,	calará's tu,
15	3	era eu uma	era uma
17	11	ceremonia	cerimonia
"	23	parece de tudo	parece tudo
23	10	os meu	os meus
"	28	consentio	consentia
30	7	vemsó	vem só
33	9	Toleirona.	Toleirona!
34	1	annos....	annos l...
"	16	creio	creia
38	30	mudado...	mudado l...
"	28	attrativos	attractivos
46	2	enteresso	interesse
"	8	é minha	é a minha
"	9	tranquillidade	tranquillidad
"	26	assim	a mim
49	3	Eu mesmo	Eu mesma.
54	2	caile-se	cate-se
58	2	havia sido aconselhada	havião sido aconselhadas
"	18	atormosear em tudo	atormosear tudo
59	4	a sua leitura	a leitura do nosso romance....
63	15	salvação	a salvação.
67	6	minha prima.	Minha prima...
"	7	meus pais.	meus pais. ...
68	5	Não sabia do que se tratava	Supprima-se
"	24	attrahiu	attract
72	14	de	dos